

# A Literatura romana através dos tempos

SERIDIÃO CORREIA MONTENEGRO\*

## Resumo

Apresenta-se, no presente trabalho, uma visão panorâmica, através dos tempos, da literatura romana ou latina, compreendendo as primeiras manifestações no século VII a. C. do período pré-helênico, arcaico ou das origens e as matérias relativas aos períodos clássico ou de maturidade, pós-clássico, de decadência, romano-cristão, e medieval e renascentista, com o registro biográfico dos escritores que mais se destacaram em cada um deles, nas áreas da poesia, da retórica, da filosofia, da teologia, da história, da sátira, da comédia e da tragédia, encerrando com comentários acerca da literatura latina na atualidade brasileira.

## Introdução

Muito se tem discutido nos últimos anos acerca das consequências sobre o aprendizado da língua portuguesa, da retirada do ensino do latim do currículo escolar brasileiro, após a aprovação da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961 (Diretrizes e Bases da Educação Nacional), que se tornou efetiva nos primeiros anos da década de 1970. Dessa troca de ideias sempre surgem alguns questionamentos. Por que estudar latim? Por que perder tempo com o estudo de uma língua morta? Que vantagens poderiam advir do estudo de uma língua que não é falada em nenhum lugar do mundo? A resposta dada por muitos autores é que o objetivo principal do estudo do latim é o filológico, assim entendido o estudo da língua latina, na busca do conhecimento da vida econômica, social e política, assim como da história e das tradições dos romanos e, através destes, o conhecimento do

---

\* Sócio efetivo do Instituto do Ceará e Secretário-Geral

mundo antigo. Outros acrescentam ainda que, simultaneamente com essa finalidade, o estudo do latim desempenha papel preponderante na educação do pensamento, oferecendo ao estudioso a oportunidade de desenvolver o hábito de pensar com rapidez, profundidade e atenção. Esse é, sem dúvida, um dos aspectos mais relevantes do estudo do latim: proporcionar a oportunidade de desenvolver o raciocínio lógico, a concentração e o poder de análise. Segundo Alceu Dias Lima (*“Uma Estranha Língua – Questões de Linguagem e de Método”*, Editora da Universidade de São Paulo - Edunesp, São Paulo, 1995), “o estudo do latim serve ao pleno desenvolvimento da pessoa, ao seu preparo para o exercício da cidadania {...}”. Também Napoleão Mendes de Almeida (*Noções fundamentais da língua latina*, Ed. Saraiva, São Paulo, 11ª ed., 1962) chama a atenção para esse importante aspecto do estudo do latim, enfatizando a atenção que exige do estudioso, isto é, o “quanto lhe prendem o intelecto e lhe deleitam o espírito as várias formas flexionais latinas, a diversidade de ordem dos termos, a variedade de construções de um período”, fazendo sobressair a excelente cooperação e a real e insubstituível utilidade do latim na formação do espírito. Não resta dúvida de que o latim contribui significativamente para aguçar o intelecto, para tornar o estudioso mais observador, para aperfeiçoar o poder de concentração do espírito, para manter alerta a atenção, para desenvolver a capacidade de análise, para encontrar nas coisas do espírito a calma nas atitudes e a ponderação nas decisões, qualidades imprescindíveis ao estudioso, ao intelectual e ao cientista. Além disso, o estudo do latim viabiliza a compreensão de inúmeras indagações linguísticas que se referem ao conhecimento das línguas românicas, oferecendo subsídios e explicações para fenômenos aparentemente inexplicáveis do português, do francês, do espanhol, do italiano e de outros idiomas. Na introdução de seu livro *Não Perca o seu Latim* (Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 5ª ed., 1980. p. 11/13), o professor, tradutor e crítico literário húngaro, naturalizado brasileiro, Paulo Rónai afirma: “*Chamaríamos este livro de inventário, se considerássemos o latim uma língua morta. Mas, a rigor, ele não morreu; apenas se transformou com o tempo, em português, castelhano, francês, italiano, romeno, que representam seus estágios modernos, diversificados. Que ao lado deles por tanto tempo se tenha mantido um estágio mais antigo, isto prova suas qualidades e seu prestígio*”. De tudo o que foi dito acima, resta evidente que o estudo do latim poderia contribuir, de forma

decisiva, para a formação humanística da juventude brasileira, dotando-a de maior capacidade de pensar, de agir e de decidir. Pode-se apontar, em apoio a essa tese, o brilhantismo com que muitos ex-seminaristas, estudantes de latim por anos a fio, atuaram e ainda atuam, nas mais diversas áreas do conhecimento e das ciências e nas atividades profissionais a que se dedicam no curso de suas vidas. Durante seis anos (1953-1959), tive a oportunidade de estudar latim e literatura romana na Escola Apostólica São Vicente de Paulo, dirigida por padres lazaristas, no antigo bairro “Barro Vermelho”, atual bairro de Antônio Bezerra, em Fortaleza. Foi nessa época que tive os primeiros contatos com o latim e com a literatura latina ou romana, através da leitura e do estudo de obras de alguns de seus mais proeminentes autores.

## A Língua Latina

É importante lembrar inicialmente que a língua latina fez parte dos dialetos itálicos, assim como o *úlico*, o *sabélico* e o *osco*, que eram falados pelos habitantes da região itálica, antes da fundação de Roma. Os latinos, habitantes do Lácio; os Sículos, que ocupavam a Sicília e parte da Itália Meridional; os Umbros e os Oscos, que viviam em amplas áreas da Itália Central, falavam vários dialetos, que, entretanto, não eram muito diferentes entre si. Dentre esses dialetos, de que se tem notícia através de inscrições muito antigas e incompletas, somente o latim se transformou numa língua literária. No latim arcaico ou antigo, escrito com letras muito parecidas com as gregas, foram encontradas inscrições originárias dos séculos VII e VI a.C., entre as quais o *lapis niger* – estela de tufo vulcânico (coluna monolítica destinada a ter uma inscrição), descoberto em Roma, no Foro Romano, em janeiro de 1899, pelo arqueólogo Giacomo Boni, em frente ao *Comitium*. Essas inscrições feitas pelos romanos, gravadas com letras arcaicas, de sentido duvidoso, faziam referências a um rei (*rex*) e continham evocações de lendas relacionadas com a morte de Rômulo, primeiro rei de Roma, ocorrida em 717 a.C. Outras inscrições foram as da *fibula praenestina*, um broche de ouro, preservado no Museu Nacional de Pré-história e Etnografia Luigi Pigorini, em Roma, cuja inscrição em latim arcaico indicava o nome de quem o fabricou e o da pessoa a quem foi oferecido: *Manios Med Fhefhaked Numasioi*, que significa “*Manius*

*fez-me para Numásio*”. Essa peça de ouro foi apresentada pela primeira vez em 1887 pelo arqueólogo alemão Wolfgang Helbig, que apontou como local de sua descoberta a Tumba Bernardini.

O latim arcaico recebeu enorme contribuição das línguas de dois povos vindos do Mediterrâneo Oriental: os Etruscos e os Gregos, assim como de outros dialetos itálicos. Os Etruscos, com sua formação oriental, adeptos do luxo e dos prazeres, contribuíram com sua rica cultura para o aprimoramento do povo romano primitivo, simples e rude, nas áreas da religião, da mitologia, da política e das artes. Já os Gregos, deslocados da Grécia para as costas da Itália Meridional e da Sicília, nos séculos VII e VI a.C., legaram aos primitivos romanos muitos de seus conhecimentos e experiência, nas áreas da literatura e das artes. Com a influência da cultura grega sobre a romana, começou a se formar uma cultura latina, muito semelhante à grega, inclusive na linguagem literária, que foi sendo construída ao longo do tempo, de acordo com o modelo helênico. Deve-se, aos gramáticos e escritores da época, a adaptação do latim vulgar falado pelo povo, às necessidades literárias, ao estabelecerem regras gramaticais e ao escoimarem de seus escritos os termos chulos da linguagem vulgar. Mas foi com base no latim vulgar, língua viva falada nas ruas, que se originaram as línguas neolatinas, transformadas e modificadas fonética e morfológicamente através dos tempos, enquanto o latim literário tomava forma nos livros, nas escolas e nos diversos segmentos da cultura. Além das influências etruscas e gregas, outros fatores foram de grande importância para o desenvolvimento das primeiras manifestações literárias romanas, dentre os quais: o gradativo aumento do poderio romano na Itália; a união dos povos itálicos sob a liderança política de Roma e a unificação espiritual, na mentalidade romana, e linguística, no idioma latino. Nessas condições, a língua latina tornou-se instrumento eficaz de favorecimento à evolução histórica, visto que história e literatura estão estreitamente ligadas.

### **Literatura Romana – Período Pré-Helênico, Arcaico ou das Origens**

No período denominado pré-helênico, arcaico ou das origens (754-240 a. C.), caracterizado por grande atividade política, surgiram as primeiras expressões da literatura latina, através de manifestações espirituais

ligadas à religião. Não se tratava de poesia propriamente dita, mas de canções em versos, através das quais se faziam preces. As “*Carmina Saliaria*” eram cantos de orações dirigidos aos deuses, entoados pelos Sálios, sacerdotes de povos itálicos, que formaram em Roma dois colégios: um na colina do Palatino, onde celebravam o culto de *Mars Gradivus* e outro na colina do Quirinal, com o culto de *Mars Quirinus*. Os Sálios celebravam cerimônias anuais, de 9 a 24 de março, em que dançavam e entoavam hinos, dos quais ainda existem alguns fragmentos de difícil interpretação, como o hino – *Carmen* – cantado pelos sacerdotes latinos *Fratres Arvales*, em orações em favor da prosperidade dos campos e dos agricultores, que está gravado num mármore encontrado em Roma em 1778. Como poesia profana, encontram-se as *Nemias* - canções fúnebres ou cantilenas; as *Carmina convivalia*, declamadas durante banquetes; as *Carmina triumphalia*, cantadas pelos soldados nas comemorações de triunfos militares e as inscrições funerárias. Como manifestações satíricas, havia também os cantos triunfais, improvisados nos dias de vitória, e os cantos *fesceninos*, alguns licenciosos, entoados em festas públicas. As “*sáturas*” foram formas primitivas de poesias dramáticas, de crítica aos vícios, e as “*atelanas*”, espécies de farsas populares, originariamente feitas de improviso, com a participação de personagens grotescas. No campo da prosa, se destacam nesse período documentos transmitidos pelos chefes dos colégios sacerdotais – as chamadas fórmulas de leis (*Libro Pontificum*), como as “*Leges XII tabularum*”, o mais antigo documento da prosa latina, composto no V século antes de Cristo e que continha breves disposições, com regras impositivas, concisas e fáceis de memorizar, reunindo os conceitos mais importantes das áreas do direito civil e do direito penal. Essas tábuas são um dos códigos não religiosos mais antigos de que se tem notícia. Aos poucos, o latim vulgar, sob a influência grega, foi abrindo espaço para a língua literária, mas continuou como linguagem corrente, quotidiana, e, durante os anos do Império, sendo assimilado, de forma impositiva, pelos povos conquistados por Roma, dando origem às línguas neolatinas. É importante salientar que a métrica dos primeiros cantos italianos era acentuada, isto é, baseada nos acentos tônicos das palavras, assim como a das línguas neolatinas derivadas do latim vulgar. A partir do séc. III a. C. aparece a métrica quantitativa, baseada na quantidade de sílabas, utilizada pelos gregos. Dessa forma,

vai ocorrendo o lento e gradual aperfeiçoamento artístico que favorece a formação e desenvolvimento da literatura. O verso “*saturnius*” foi uma forma simples e primitiva de literatura.

### **Literatura Romana – período de formação**

O início da formação da literatura latina ocorreu num período em que a Grécia, depois de perder a independência, já estava em pleno declínio, e a literatura clássica tinha ficado para trás. Entretanto, não se pode deixar de ressaltar que, por todo esse período, os gregos continuaram superiores aos romanos nas letras e na cultura. Pelas relações próximas que mantiveram principalmente no sul da Itália, os romanos assimilaram muito da cultura grega, recebendo deles o alfabeto e a inspiração nas áreas da legislação e até da religião. Com as guerras púnicas, os gregos influenciaram cada vez mais os romanos, despertando-lhes o interesse para a arte de escrever, a princípio através da imitação da literatura grega, produzindo, a partir de então, obras literárias originais dos mais variados gêneros, em prosa e em verso. Com a conquista da Macedônia pelo rei Felipe II, os gregos passaram a atuar na Itália, nas mais diversas áreas de atividades, tornando-se comerciantes, diplomatas, artistas, homens de letras e preceptores de importantes e numerosos membros de famílias romanas, ensinando o grego a pessoas de posição elevada, como juizes, generais e até soldados, que haviam se apropriado de riquezas artísticas, mas também a pessoas do povo e até a escravos. Nesse período, alguns escritores romanos se destacaram nos gêneros da poesia épica, dramática (tragédia e comédia) e satírica, na prosa histórica e na oratória, sendo os principais:

Lúcio Lívio Andrônico ou *Lucius Livius Andronicus*, de origem grega, nascido em Taras (atual Tarento), na Itália, em 280 a. C., muito jovem foi feito prisioneiro, depois da queda de sua cidade natal, e se tornou escravo de uma família nobre denominada “Lívia”. Levado para Roma, tornou-se mestre dos filhos do seu senhor e, por desempenhar com competência e dedicação essa função, foi-lhe concedida a liberdade. Por gratidão, adotou o nome “Lívio”, do seu patrono e protetor. Como era conhecedor do grego e do latim, atuou como educador, o primeiro mestre grego de Roma, interpretando para seus discípulos textos gregos e latinos e fazendo para eles composições, com objetivos didáticos. Poeta,

tradutor, escritor e dramaturgo, foi considerado o fundador da poesia épica romana e introdutor em Roma dos gêneros literários gregos da tragédia, da comédia e da poesia lírica. Traduziu a *Odisseia* de Homero, para o verso latino típico, o *satúrnio*, utilizado em escolas romanas, dos quais foram preservados apenas 50 versos. Também compôs hinos, para atender a pedidos do Senado Romano. A sua fama, entretanto, se deve a traduções ou a imitações do modelo grego de tragédias e comédias, que eram representadas em festas romanas solenes, e que o tornaram, por assim dizer, o poeta oficial do Estado. Muitas de suas obras são conhecidas apenas pelos títulos, podendo-se citar: as tragédias: *Achilles*; *Aegisthus*; *Ajax*; *Andromeda*; *Danae*; *Equos Troianus*; *Hermiona* e *Tereus*; e as comédias: *Gladiolus*; *Ludius* e *Virgo*, das quais foram encontrados apenas fragmentos.

Gneo Névio ou *Gnaeus Naevius* era romano nascido em Campânia, na Itália, em 275 a. C. Soldado por profissão, dedicou-se às letras por vocação, elegendo o gênero humorístico da comédia como o mais indicado para expressar a sua liberdade de manifestação, mas o conteúdo de suas peças, ridicularizando pessoas ilustres, desagradava a muitos. Por essa razão, foi perseguido pelo patriciado romano, preso por algum tempo e depois obrigado a sair de Roma, expatriado para Útica, na África, onde veio a falecer no ano 200 a. C. A importância de Névio, no início da literatura latina, está na forma perfeita como transportava os fatos da vida real para o mundo teatral, com características de originalidade que o diferenciavam dos modelos gregos. Névio conseguia fazer a fusão entre os argumentos de duas ou mais comédias gregas, que eram habilmente combinados (*contaminatio*), para fazer surgir um novo argumento. No poema *Bellum Poenicum*, que devia ter mais de cinco mil versos satúrnios, e de que restaram apenas alguns fragmentos, Névio fundiu o mito à história, narrando as façanhas de Eneias, a fundação de Roma e o desenvolvimento de sua potência até as guerras contra Cartago, fazendo uma exaltação patriótica que contemplava, além das façanhas dos heróis, as de contemporâneos que, por sua vida heroica, mereciam ser conduzidos ao mundo do mito.

Quinto Ênio ou (*Quintus Ennius*) nasceu em Rudiae, Calábria, Itália, em 239 a. C. Formado na cultura helênica, foi levado para Roma por Marco Catão quando prestava o serviço militar na Sardenha. Em Roma, ensinou grego a alguns personagens influentes da época, como Cipião e Marco Fúlvio, introduzindo-os na cultura grega, através de adaptações que

por vezes fazia ao gosto romano. Foi cognominado pelos antigos como o “pai da literatura”. Segundo G. D. Leoni (A Literatura de Roma, Editora Comercial Safady Ltda, 6ª Edição, São Paulo, 1961), Ênio, “soldado e poeta, tornou-se o escritor oficial do Estado, mas sua obra, vasta e multiforme, o revela um educador do espírito romano, sublimado na luta de conquista e perplexo ante a onda de helenismo que agitava as tradições rudes e modestas da cultura latina. As comédias e tragédias de Ênio (de que conhecemos apenas alguns títulos) tendiam ao sublime e ao poético, quer se ligassem aos argumentos dos modelos gregos, quer se inspirassem em assuntos nacionais, muitas vezes filosóficos e moralizadores; prevaleciam, entretanto, os elementos passionais, especialmente no tocante às partes femininas.” No seu poema *Annales*, crônica versificada com cerca de trinta mil versos, dos quais foram encontrados cerca de seiscentos, narra e enaltecia os feitos e a glória de Roma, desde Enéias até a época em que viveu, esforçando-se para tornar romano o hexâmetro grego, não mais utilizando o satúrnio, e deixando assim mais rico e harmonioso o verso latino. Ênio mereceu a admiração de escritores e poetas dos períodos seguintes, como Lucrécio, Cícero, Horácio, Virgílio, Ovídio e vários outros.

Lúcio Ácio ou *Lucius Attius* nasceu em Pisaurum (Pésaro), na Úmbria, Itália, no ano de 170 a.C. Foi um poeta dramático romano, de quem se conservam alguns fragmentos, dentre os quais, 45 títulos pertencentes ao ciclo troiano, ao ciclo dos peiópidas e ao ciclo tebano, com coletânea de lendas que envolvem a antiga cidade de Tebas, do qual o núcleo mais importante é o da história dos labdácidas, dentre as quais as de Laio, de Édipo e seus filhos, de Etéocles, de Polinices e de Antígona. No gênero das tragédias, com argumento romano, escreveu “*Decius*” e “*Brutus*”, sendo também de sua autoria: *La justice des armes*; *Médée*; *Prométhée*; *Philoctète*; *Andromeda*; *Alceste*; *Pheniciennes* e a peça *Atrée*. São atribuídas a Ácio as frases: “*Que me odeiem, desde que me temam*”; e “*Realmente infeliz o homem cuja fama torna suas desgraças famosas*”.

Tito Mácio Plauto ou *Tito Maccius Plautus* nascido em Sársina, na Úmbria, Itália, em 254 a.C., foi um dos maiores e mais originais dramaturgos da literatura latina, tendo na juventude atuado como ator e convivido com atores e poetas cômicos. Aventurou-se na atividade comercial e fracassou, tornando-se, como era costume na época, escravo do credor,



que era proprietário de moinhos. Enquanto trabalhava girando a pesada pedra do moinho (mó), escreveu três comédias, duas inspiradas na sua própria vida: “*Addictus, o escravo por dívidas*” e “*Satúrio, aquele que está com a barriga cheia*”. As comédias fizeram grande sucesso, o que o levou a dedicar-se integralmente à profissão de poeta cômico. Com muita originalidade, por trinta anos desenvolveu essa atividade, sendo seus roteiros inspirados no ambiente heroico do primeiro período de glórias de Roma, enfocando fatos da vida cotidiana, fazendo adaptações de modelos gregos para o público romano, em “latim popular”, num ambiente humano, divertido e sentimental. Seus personagens serviram de inspiração para literatos de seu tempo e para alguns das gerações seguintes, mas jamais foi igualado pelos imitadores. As comédias de Plauto estão entre as obras mais antigas da literatura romana, mantidas até a atualidade, dentre as quais apenas vinte chegaram intactas a nossos dias, sendo as mais conhecidas: *Asinaria*; *A Aulularia*; *Os Menaechmi*; *O Trinummus*; *A Mostelaria* e *O Miles Gloriosus*.

Públio Terêncio Afro (*Publius Terentius Afer*) nasceu em Cartago, na África, em 195 a.C., vendido como escravo ao senador romano Terêncio Lucano, que lhe proporcionou uma boa educação e, algum tempo depois, lhe concedeu a liberdade. Viveu num meio aristocrático, ligado à cultura helênica, e se tornou amigo de Públio Cornélio Cipião, consul romano por duas vezes. São de sua autoria pelo menos seis comédias: “*Andria*”, “*Hecyra*” (sogra, em grego), “*Heautontimorumenos*” (o que pune a si próprio, em grego), “*Heunuchus*”, “*Phormio*” e “*Adelphoe*” (irmãos, em grego), que não obtiveram sucesso entre os de sua época, mas foram muito apreciadas na Idade Média, quando passaram a ser representadas em colégios, e, na Renascença, traduzidas em vários idiomas. Seus personagens são, na maioria, de classes sociais mais altas. Seu estilo é refinado e artístico, diferente de Plauto que animava as cenas com diálogos espontâneos e termos mesquinhos, vulgares e triviais, muito apreciadas pelo público romano. Todo o valor de sua obra se concentra na graça da verdadeira poesia, no caráter dos personagens e no sentimento com que são tratados: simpatia e distinção.

Caio Lucílio ou *Gaius Lucilius*, nascido em Suessa Aurunca, na Campânia, sul da Itália, em 180 a. C., filho de pais ricos e família nobre, renunciou à possibilidade de aspirar altas carreiras de estado, para

dedicar-se integralmente aos estudos e à poesia. Muito jovem foi estudar na Grécia e, ao voltar para Roma, num momento de grande agitação política, dedicou-se à sua obra como poeta satírico, enfocando fatos da vida cotidiana, em farpas de profunda ironia e muita mordacidade. Escreveu trinta livros de versos (*Saturae*), em três coleções, de que chegaram a nossos dias alguns fragmentos esparsos (principalmente através da obra de Nônio Marcelo – *De compendiosa doctrina*). Considerado o fundador da poesia satírica em Roma, adotou o *hexâmetro dactílico* como verso próprio para a sátira. Viveu muitos anos em Roma e no fim da vida mudou-se para Nápoles. Lucílio teve vários seguidores, dentre os quais os poetas Quinto Horácio Flaco e Décimo Júnio Juvenal.

Na prosa histórica desse período de formação da literatura romana, tiveram destaque Fábio Pictor (Anais), Catão (Histórias) e Sila (Memórias) e, na oratória, os irmãos Tibério e Caio Graco.

## **Literatura Romana – período Clássico ou de Maturidade**

O período clássico da literatura latina se divide em duas épocas: a época de Cícero e a época de Augusto e se caracteriza por grande confusão política, social e religiosa, e acentuada corrupção dos costumes. A religião cede espaço diante da filosofia grega e do culto e superstições orientais. Há uma forte influência da cultura grega sobre a sociedade romana, que assimila os seus costumes dissolutos, o luxo e os prazeres, a elegância de maneiras e o gosto pelas letras e pelas artes. A literatura reflete o estado político, religioso e social da época. Os poetas da denominada escola nova (*poetae novi* e *cantores euphorionis*) se desvinculam do estilo dos antigos poetas latinos, preferem as pequenas composições às grandes epopeias e dispensam cuidados especiais à forma (língua e métrica), com o uso excessivo de palavras rebuscadas. A prosa, nesse período, atinge o seu apogeu, superando a poesia. Merecem destaque nesse período os poetas e escritores:

Na poesia:

Tito Lucrécio Caro ou *Titus Lucretius Carus*, que nasceu em 99 a. C., provavelmente em Roma, Itália, onde foi educado, numa época de grandes convulsões políticas. Deixou como único trabalho conhecido o poema filosófico *De natura rerum* (Sobre a natureza das coisas), em que discorre

sobre os princípios e a filosofia de Epicuro (epicurismo) como instrumento para desvendar os segredos do universo e assegurar a felicidade humana. Foi um grande poeta, talvez o primeiro a explicar, em versos magníficos, os mistérios da natureza. Sua obra é notável, sendo irretocáveis, no fundo e na forma, a ordem, o método e o encadeamento das ideias e das teorias. Muitos de seus contemporâneos o consideravam louco. Suicidou-se aos 44 anos, no ano de 55 a. C.

Caio Valério Catulo ou *Gaius Valerius Catullus*, nascido em Verona entre 87 e 84 a. C., membro da rica e ilustre família Valéria, pertenceu à ordem patrícia, tendo se mudado muito cedo para Roma, no final do período republicano. Graças a seu nome, talento e boas maneiras, aproximou-se dos homens mais notáveis da época, como Cícero, César, Cornélio Nepos, Lucrécio, Catão e outros. Entregou-se a uma vida de luxo e prazeres e teve diversas amantes, sendo Lésbia a predileta, jovem, bonita e casada (com um velho), que exerceu sobre seu lado poético uma influência benéfica e que depois o abandonou e fugiu com outro homem, tornando-se uma “mulher pública”. Na obra de Catulo, havia uma dualidade: belas e delicadas elegias, em linguagem graciosa e irrepreensível, mas também, epigramas licenciosos e grosseiros. Utilizava em seus versos a linguagem coloquial, a simulação de improviso na sintaxe e versos ligeiros. Suas obras foram descobertas no século XIV, merecendo destaque: *A Cabeleira de Berenice; Bodas de Tetis e de Peleu; Epitalâmio e O Cancioneiro de Lésbia*. Escrevendo com uma espécie de abandono e negligência, mas com graça e vivacidade, Catulo foi o primeiro poeta erótico de Roma, numa época em que ainda se encontravam republicanos rudes e severos e guerreiros ferozes e inclementes.

Públio Virgílio Maro ou *Publius Vergilius Maro* nasceu em Andes, na Gália Cisalpina, em 70 a. C. Embora desprovido de recursos, seu pai lhe proporcionou uma educação esmerada: mandou-o aos sete anos para Cremona para se iniciar nas belas-artes e com 16 para Milão, onde foi revestido com a toga viril de Lucrécio; depois, seguiu para Nápoles, em cujas escolas estudava a elite da mocidade romana. Aí se dedicou com afinco aos estudos, sob a orientação do filósofo Sirão e do gramático Partênio, com quem aprendeu o grego. Familiarizou-se com Química, Física, Ciências Naturais, História, Filosofia, Medicina, Matemática e outros ramos do conhecimento humano. Sentindo que a poesia romana

se renovava com Catulo, descortinou através dele os novos caminhos que se abriam ao pensamento artístico, sendo influenciado pela naturalidade, a graça e o sentimento profundo do poeta de Verona. De índole plácida e pendor para a virtude, procurou preservar no seu espírito os sentimentos puros. Quando do confisco das terras de seu pai, conseguiu que amigos influentes, como Alfenio Varo e Cornélio Galo, intercedessem por ele junto ao governador da província, Asínio Polião. Sendo apresentado em Roma a Mecenas, conquistou a sua amizade, obtendo do protetor grandes favores, acumulando um patrimônio apreciável. No desenvolvimento de suas principais obras, *Bucólicas* ou *Éclogas*, *Geórgicas* e *Eneida* (o épico nacional da antiga Roma), colocou em evidência as teorias sobre a organização da matéria, a constituição do Universo, a imortalidade da alma e outras. É considerado um dos maiores poetas romanos e o expoente da literatura latina. Deixou instruções no testamento, com a recomendação de lançarem ao fogo a *Eneida*, por considerá-la incompleta, mas Augusto não permitiu que se consumasse esse desatino, encarregando Lúcio Vário Rufus e Lúcio Plócio Tuca de fazerem a revisão e correção da obra, dando-lhes ordens expressas de não incluírem quaisquer acréscimos. A possível controvérsia sobre o modo de escrever o nome do poeta – Vergílio ou Virgílio – não resulta da origem do nome e tem explicação no fato de os romanos escreverem certas palavras com *e* ou *i*, indiferentemente. Assim, encontram-se com as duas formas: Diana e Deana, Minerva e Menerva, Virgílio e Vergílio, tendo prevalecido o *i* sobre o *e*.

Quinto Horácio Flaco (*Quintus Horatius Flaccus*), nascido em Venosa, Itália, em 65 a. C., ao chegar à idade de receber instrução, foi levado pelo pai, modesto comerciante, para Roma, onde lhe proporcionou a mais apurada educação. Ficou sob a orientação dos melhores mestres até os 18 anos, quando por pouco tempo estudou na escola filosófica de Nápoles, indo em seguida para Atenas, a fim de completar os seus estudos e se aprimorar na cultura grega. Influenciado por Júnio Bruto (que depois assassinou Júlio César), de quem era discípulo e se tornara amigo, integrou exército contra Augusto, em favor dos ideais republicanos, que foi derrotado fragorosamente. O pai havia morrido e seus bens confiscados. Retornou a Roma, humilhado e desiludido, em busca de um trabalho modesto, que lhe garantisse a sobrevivência. Depois de trabalhar no escritório de um questor, conheceu Virgílio, de quem se tornou amigo e

que o apresentou a Mecenas, secretário e conselheiro privado de Augusto. Em pouco tempo conquistou a amizade de Augusto e passou a receber a sua proteção e a oportunidade de ter uma vida tranquila, dedicada ao ócio, à poesia, à meditação e aos estudos. Numa primeira fase, entre a chegada a Roma e o conhecimento com Mecenas, escreveu *Sátiras* ou *Sermones*, em que, em dois livros escritos em hexâmetros, põe em evidência os erros e os vícios, com sábios conceitos morais e discussão de questões éticas. Numa segunda fase, escreve *Odes* ou *Carmina*, em que funde, de forma admirável, política, filosofia e moral, lamenta a guerra civil e a decadência da antiga virtude, e exalta, com perfeição de estilo, variedade de formas poéticas e um tom muito pessoal, a ordem e a paz, a religião como força social, os triunfos, as reformas e os desígnios de Augusto, e também sobre mitologia. *Epístolas* é uma obra composta de coleções de cartas reunidas em dois livros, sobre assuntos diversos, em que se destaca a *Epístola aos Pisões*, conhecida como *Arte Poética*. A obra *Epodos*, em um livro, contém apenas 17 poemas líricos escritos na sua juventude, sobre temas relacionados com a vida em Roma, em que Horácio imitava, na métrica e no estilo, o poeta Arquíloco.

Álbio Tíbulo (*Albius Tibullus*), nascido em Gábios, no Lácio, em 54 a. C., filho de família abastada, pertenceu à ordem equestre. A sua poesia, de estilo claro e clássico, relembra a paz e a simplicidade dos antigos costumes camponeses romanos. De sua obra, se conservaram dois livros de elegias num manuscrito – *Corpus Tibullianum*, cujo primeiro livro contém dez elegias e é dedicado a uma mulher casada, de origem plebeia. O segundo reúne seis poemas, dedicados a uma mulher por quem se apaixonara e cuja identidade se acredita tenha sido fictícia.

Sexto Aulo Propércio (*Sextus Aulus Propertius*), nascido em Assis, Úmbria, Itália, em 43 a. C., de uma família nobre levada ao empobrecimento pelo confisco de suas terras por Otaviano e Marco Antônio, recebeu a mesma educação formal da elite romana, visando seguir a profissão de advogado, mas decidiu dedicar sua vida à poesia. Foi um dos representantes romanos do gênero elegíaco, juntamente com Cornélio, Tíbulo e Ovídio. Escreveu quatro livros de elegias. Embora em Roma tenham sido produzidas elegias com matiz etiológico, com poesias tristes, melancólicas ou de lamento, o tema principal dos elegíacos romanos, e de Propércio,

é o erótico-amoroso, com métrica caracterizada pela duração das sílabas, longas ou breves, sendo as sílabas longas pronunciadas no dobro do tempo das sílabas breves.

Públio Ovídio Naso (*Publius Ovidius Naso*), nascido em Sulmona, Itália, em 43 a.C., estudou retórica com grandes mestres de Roma e depois em Atenas e na Ásia, mas seguiu a carreira jurídica somente por algum tempo, tendo advogado com sucesso em Roma e exercido diversas funções públicas, inclusive a de juiz, que exerceu com retidão e imparcialidade, credenciando-se, por tudo isso e por sua inteligência, a obter sua indicação para uma cadeira no Senado Romano. Por não ser afeito à rotina do trabalho e por lhe faltar ambição para alcançar altas posições, renunciou à vida pública, dedicando-se ao culto das musas. Herdeiro de considerável patrimônio, com residência em Roma, perto do Capitólio, e recebendo elevadas rendas de suas propriedades próximas de Sulmona, passou a viver no ócio e nos prazeres, cercado pelos amigos, e escrevendo versos sobre amor, sedução e mitologia, e depois, sobre o exílio. Tendo temperamento sensível e ardente, apaixonava-se facilmente, tendo casado quatro vezes. Vangloriava-se de seu nome jamais ter sido envolvido em qualquer fato ou boato escandaloso. Mesmo assim, Ovídio foi exilado no Ponto Euxino, costa do Mar Negro, no ano 8 d. C., possivelmente por ter sido indiscreto a respeito da vida íntima de Augusto, mas também por ter o imperador considerado imorais os conselhos que deu na *Ars Amatoria*. O estilo mais comum de seus poemas é o elegíaco, mas há alguns didáticos como: *Amores*; *Ars Amatoria* e *Remedia Amoris*; outros sobre festivais e sobre as velhas instituições religiosas romanas (*Fastos*); sobre cosméticos para mulheres (*Medicamina Faciei Femineae*); cartas fictícias escritas por heroínas mitológicas (*Heroides*) e cartas escritas durante o exílio. Em *Metamorfoses*, uma de suas obras mais famosas, com 15 livros escritos em hexâmetro dactílico, Ovídio fala sobre a cosmologia e a história do mundo, misturando ficção e realidade, e mostrando as quatro idades cronológicas da mitologia clássica: a Idade do Ouro, a Idade da Prata, a Idade do Bronze e a Idade do Ferro. Na abordagem da obra *Eras do Homem*, uniu deuses e homens mortais em histórias de amor, incesto, ciúme e crime. Já no exílio, escreveu *Cartas Pônticas* e *Tristium* ou *Tristia*, com mensagens poéticas, escritas em dístico elegíaco, em cinco livros, em que expressa o desespero provocado pela solidão e pela saudade da pátria e da família, com protestos

de inocência e súplicas aos amigos, para que conseguissem seu regresso à pátria ou pelo menos um exílio mais suave. Seu desterro em Tomos durou oito anos, culminando com sua morte no ano 17 da era cristã.

Na historiografia:

Ainda nesse período clássico, surge a historiografia, com riquíssimo material, valorizado pela perfeição da língua e pelo avanço da cultura intelectual da época, reunido por historiógrafos gregos. Embora os historiadores romanos desse período tenham sido notáveis ao escreverem a história de seu tempo, alguns registros foram eivados de uma certa parcialidade, influenciados por ideias partidárias e pela conjuntura política da época. Os mais eminentes historiadores do período clássico foram:

Caio Júlio César (*Caius* ou *Gaius Julius Caesar*), nascido em Roma no ano 100 a.C. de uma família patricia de pouca influência, que, aos poucos, conseguiu ascender política e socialmente. Depois de firmar aliança com Crasso e Pompeu, em 60 a. C., passou a dominar a política romana por vários anos, mas teve forte oposição nas tentativas de se manter no poder, principalmente de Catão e de Cícero. Durante as guerras gálicas, conquistou fama e dinheiro, com a expansão dos domínios romanos. Provocou uma guerra civil, ao entrar armado em Roma, com o seu exército, no retorno da guerra na Gália, desatendendo às exigências feitas pelo Senado, de dispensar o exército, antes de entrar na capital. Considerado um dos grandes comandantes militares da história, em 49 a. C., assumiu o governo de Roma, como ditador absoluto, sendo assassinado cinco anos depois por Marco Júnio Bruto. No curso de sua vida, foi considerado um dos mais brilhantes oradores e autores da prosa latina. De seus trabalhos, somente chegaram a nossos dias os relatos sobre as guerras e outros poucos escritos. A obra *Commentarii De Bello Gallico* (Comentários da Guerra Gálica) é composta de sete livros, em que cada um trata de um ano da campanha na Gália e no sul da Grã-Bretanha. Em *De Bello Civili* (Sobre a Guerra Civil), Júlio César relata os eventos da guerra civil, sob a sua ótica, até a morte de Pompeu no Egito. Além dessas, há outras obras atribuídas a César, mas não há certeza quanto à autoria: *De Bello Alexandrino* (Sobre a Guerra Alexandrina), *De Bello Africo* (Sobre a Guerra Africana) e *De Bello Hispaniensi* (Sobre a Guerra Hispânica). Essas narrativas, que eram apresentadas ao povo em leituras públicas, foram muito importantes na

divulgação da imagem pública de César e para manter o seu prestígio, enquanto se encontrava comandando seus exércitos, longe de Roma.

Cornélio Nepos (*Cornelius Nepos*), nascido na Gália Cisalpina, provavelmente em 100 a. C., pertencia a uma abastada família da ordem equestre, tendo renunciado à carreira política para se dedicar integralmente à literatura. Catulo, que lhe dedicou muitas de suas poesias, elogia a elegância do seu estilo e o considera um dos mais brilhantes historiadores da literatura latina. Cícero, um de seus melhores amigos, o qualificava como “divino” e Pompílio Ático dizia que somente Cícero era, entre todos os escritores, superior a Cornélio. Citam-se como obras de sua autoria: *História Universal*, em três volumes; *Biografias dos historiadores gregos da antiguidade*; *Exemplos*; *Homens Ilustres*, em dezesseis livros; *Biografia de Cícero*; *Biografia de Catão*; e *Coleção de Cartas dirigidas a Cícero*. Muitas dessas obras se perderam, mas restam as biografias, enfeitadas sob o título: *Vidas dos Grandes Capitães*. Há quem conteste a autenticidade dessa obra. Morreu, envenenado por um escravo.

Caio Salústio Crispo (*Gaius Sallustius Crispus*), nasceu em Amiterno, na Sabina, Itália, em 86 a.C. De família plebeia, mas rica, muito jovem foi mandado pelo pai para Roma, onde recebeu uma educação primorosa. Teve uma juventude escandalosa e desorganizada, voltada para os prazeres e os vícios. Elegante e bem apessoado, foi um perdulário e utilizou até o próprio corpo para conseguir dinheiro. Mesmo na idade adulta, foi um assíduo conquistador de ambos os sexos, mas teve apuros e dissabores nessas aventuras. Conseguiu por meios pouco usuais ser questor, obtendo nessa condição um assento no senado. Foi tribuno do povo e comparsa de Clódio em tumultos e desordens. Era inimigo declarado de Cícero. Em razão desses desregramentos, teve seu nome riscado pelos censores da lista dos senadores, pela excessiva imoralidade. Mas César o fez novamente questor, restituiu-lhe o lugar de senador e, dois anos depois, o tornou pretor e, após a sua participação na Guerra da África, procônsul na Numídia. Ficou arqui-milionário, com as dilapidações de recursos públicos e rapinas que fez no governo de sua província. Acusado dessas atividades ilícitas, conseguiu ser absolvido, mas se desligou da vida pública. Escreveu, em meio ao luxo de que se cercou: *História de Roma* (a partir de Sila); *Conjuração de Catilina*; e a *Guerra de Jugurta*, consideradas obras primas, que imortalizaram seu



nome. Conquistou uma reputação brilhante quanto ao talento literário, mas reprovável e odiosa em relação a sua conduta pública e privada.

Tito Lívio (*Titus Livius*) nasceu em Pádua (Patavium), rica cidade de Vêneto, na Itália, no ano de 59 a. C. Ainda jovem, foi para Roma onde se tornou conhecido por seus escritos históricos e diálogos filosóficos, em razão do que teve acesso à casa de Augusto, que gostava de se cercar de poetas e escritores. Vários desses escritos se perderam, não se salvando sequer fragmentos, mas algumas de suas obras chegaram a nossos dias. *A História de Roma* ou *Ab urbe condita* (Desde a fundação da cidade), escrito durante 21 anos e publicado por partes, inicia com a fundação da cidade e compreende 742 anos de história; o *Pequeno Tratado*, escrito para um filho, teve o objetivo de guiá-lo em seus estudos juvenis, no qual recomendava a leitura de Demóstenes e de Cícero. Dos 35 livros de Tito Lívio que chegaram aos nossos dias, muitos estão incompletos. Segundo Quintiliano, Tito Lívio está entre os maiores historiadores de todos os tempos, no mesmo nível de Heródoto, com um charme maravilhoso e transparência nas narrativas. A eloquência de seus discursos era vibrante. Como historiador, teve o mérito de focar a história do ponto de vista moral e de indicar a grandeza ou a indignidade de seus protagonistas, elevando a prosa latina ao mais alto grau de expressividade e correção.

Marco Túlio Cícero (*Marcus Tullius Cicero*), nascido em Arpino, Itália, em 106 a. C., de família rica e bem relacionada, ainda criança foi mandado pelo pai, cavaleiro romano da ordem equestre, para Roma, a fim de estudar. Ficou sob a proteção e responsabilidade de importantes personagens da época, que o acolheram e lhe deram uma educação requintada. Foi advogado, político, escritor, poeta, gramático, orador, filósofo e um dos maiores jurisconsultos de Roma. Destacou-se desde cedo pela inteligência brilhante e pela dedicação aos estudos. Ao concluir essa etapa inicial de sua educação, passou algum tempo em Atenas e na Ásia, onde se aperfeiçoou, na eloquência e na filosofia, adquiriu erudição e se tornou um dos homens mais ilustrados do seu tempo. Ficou célebre como advogado, depois dos discursos “*Pro Quinctio*” e “*Pro Roscio Amerino*”. Por possuir cultura e eloquência, em pouco tempo ficou conhecido como o “príncipe dos oradores romanos”, numa época em que a palavra era uma arma muito poderosa, que lhe propiciou o acesso à vida pública. Foi questor na Sicília, quando proferiu os discursos contra Verres, conquistando, por sua conduta

séria e pela correção de seu procedimento, o respeito e a admiração de todos. Ocupou os cargos de edil, pretor, cônsul e procônsul da Sicília. Destacou-se como tradutor e filósofo e introduziu os romanos nas principais escolas da filosofia grega, além de criar um vocabulário filosófico-latino. No seu consulado, descobriu a conjuração de Catilina, proferindo contra ele quatro vigorosos discursos, que ficaram conhecidos como as *Catilinárias*. Numa segunda conspiração de Catilina, atacando Roma com forças estrangeiras, Cícero, então cônsul, abafou a revolta executando cinco dos conspiradores, segundo consta, sem direito de defesa. Em suas vibrantes e eloquentes orações, utilizava com muita frequência frases e ditos espirituosos e sarcásticos, atraindo para si, por essa razão, muitas inimizades. Na segunda metade do século I a.C., marcada por guerras civis e pela ditadura de Júlio César, liderou ao lado de Pompeu, a campanha em favor do retorno do governo republicano. César, após a vitória sobre Pompeu, conhecendo o valor moral e intelectual de Cícero, tentou atraí-lo para o seu círculo de poder, mas não conseguiu. Após a morte de César, Cícero se tornou inimigo ferrenho de Marco Antônio, atacando-o com sua vibrante eloquência da tribuna do Senado e criticando os seus excessos, através das *Filípicas*, a segunda das quais foi, em última análise, o principal fator que resultou na sua morte. Proscrito como inimigo do estado pelo Segundo Triunvirato (Augusto, Marco Antônio e Lépido), no ano 43 a. C., tentou fugir, mas quando estava para embarcar, a fim de se refugiar na Grécia, foi assassinado, tendo a cabeça e as mãos decepadas, e posteriormente exibidas no Fórum Romano, como vingança final de Marco Antônio. Suas obras foram consideradas, pela Igreja antiga, dignas de serem preservadas, por ter sido Cícero declarado “pagão justo” ou, como diziam os bogomilos (adeptos da seita gnóstica cristã, fundada no Império Búlgaro pelo padre Bogomil), um dos poucos “santos pagãos”. Dentre suas inúmeras obras (seis sobre retórica; oito de filosofia e oitenta e oito discursos), destacam-se:

Como obras morais: *De Re Publica*; *De Legibus*; *Somnium Scipionis*; *Paradoxa*; *De Finibus Bonorum et Malorum*; *Academicæ Questiones*; *Tusculanarum*; *De Natura Deorum*; *De Senectute*; *De Divinatione*; *De Amicitia* ou *Laelius*; e *De Officiis*.

Como obras epistolográficas e discursos, valiosos instrumentos de estudo histórico da época, com 864 cartas, distribuídas em 21 livros: *Ad Familiares* (16 livros); *Ad Quintum Fratrem* (3 livros) e *Ad Brutum* (2 livros),

*Pro Quintio; Pro Sexto Roscio Amerino; De Suppliciiis; Pro Fronteio; Pro Lege Manilia;* e durante o consulado: *Pro Lege Agraria; Pro Roscio Othone; In Catilinam*, conhecido em português como as *Catilinárias (quatuor orationes); Pro Murena; Pro Archia; Pro Milone e Philippicae* ou *Filípicas*.

Como obras de retórica: *Ad Herenium; De Inventione; De Oratore; Brutus; Orator; Partitiones Oratoriae; Topica;* e *De Optimo Genere Oratorum*. Nas obras de Cícero, em estilo clássico, natural, verdadeiro e harmonioso, se encontra um quadro perfeito da civilização greco-romana, com sua história e suas instituições.

Marco Terêncio Varrão (*Marcus Terentius Varro*), escritor, poeta, filósofo, teórico musical, historiador da Roma Antiga, gramático e analista militar, nasceu em Riete, na Sabina, península itálica, em 116 a. C. Amigo de Cícero, com quem tinha muitas afinidades, foi um político defensor das ideias conservadoras republicanas. De sua extensa e variada obra, dedicada aos estudos filosóficos, à poesia e à filologia, restam apenas fragmentos mais ou menos extensos. A única obra completa que sobreviveu foi *De re rustica* (Das coisas do campo), tendo sido encontradas as seguintes obras incompletas: *Annales; De antiquitates rerum humanarum et divinarum; De diis selectis; De familiis Troianis; De gente populi romani; De lingua latina; De vita sua; Epistulae; Grammatica; Historica; Logistorici; Philosophica; Res urbanae* e outros. Considera-se Varrão o primeiro estudioso a formular uma teoria sobre a existência de microrganismos, micróbios e germes, que, segundo ele, seriam seres imperceptíveis ao olho humano e que, absorvidos pelo nariz e pela boca, poderiam causar inúmeras doenças. Tal como Cícero, Varrão foi proscrito como inimigo do estado, mas conseguiu fugir a tempo e viver muitos anos, dedicando-se aos estudos até a morte.

## Literatura Romana – período Pós-Clássico

Depois do longo, produtivo e excelso período literário clássico, que compreendeu os anos de Cícero a Augusto, iniciou-se o período pós-clássico, considerado por muitos como a primeira fase do período de decadência. Começaram a surgir então os primeiros indícios de uma queda acentuada na qualidade e na originalidade das produções literárias, influenciada principalmente por causas históricas e políticas. Augusto, como monarca absoluto de fato, havia feito renascer as instituições republicanas, refreando

os excessos e salvando as aparências da liberdade individual, em favor da glória de Roma e de sua missão civilizadora. Os que o sucederam muito cedo assentaram as bases do poder num regime de monarquia absoluta e tirânica, e, diferentes de Augusto, desprezando a cooperação intelectual e moral dos escritores. Roma começou a se enfraquecer e se curvou pela perda de força e de entusiasmo. Entregou-se à degradação dos costumes e à ausência de ideais e de visão do futuro. A literatura caiu num vácuo, em que os escritores se entregaram à repetição, à imitação e à falsificação, com raras tentativas de reação, no sentido de criar instrumentos de resistência à tirania imperial e de atuação em favor da liberdade. Apesar disso, no período que vai da morte de Augusto ao desaparecimento de Adriano (138 d. C.), ainda não se pode considerar que a literatura romana tenha entrado na fase de decadência. Mesmo se afastando da perfeição e do equilíbrio anteriores, a literatura ainda se enriquece com novas expressões: as fábulas de Fedro, tomando por modelo as composições do grego Esopo; a tragédia de Sêneca, alimentada pela cultura filosófica; a sátira de Pérsio, mordaz, irônica e picante; a epopeia de Lucano, na descrição da história romana e da polêmica política da época; a poesia de Estácio, num gênero de ocasião, sobre assuntos diversos do dia a dia, e a de Marcial, com seus epigramas, levando esse gênero à perfeição; a “sátura” de Petrônio, com poesias dramáticas de crítica aos costumes; e a retórica de Quintiliano, profundo nas ideias e brilhante na forma. Na história, Suetônio cria a biografia erudita e anedótica; Tácito traz registros inestimáveis da história romana do século I da era cristã; Plínio, o Velho demonstra curiosidade e conhecimento científico em suas obras, principalmente no tratado de *História Natural*; e Plínio, o Moço, com suas “Cartas”, apresenta as melhores descrições da vida quotidiana e da política em Roma. Todos esses escritores, poetas e historiadores adotam um estilo correto, variado e moderno, mas menos claro e natural do que o do período clássico.

### **Literatura Romana – período de Decadência**

O período considerado propriamente de decadência da literatura romana se inicia na segunda metade do século II d. C., na era dos *Flavius* e dos *Antonius*, com os escritores assumindo uma feição de exagero e afetação, num ambiente de frieza e indiferença pelas letras, como consequência da situação política e do desregramento dos costumes públicos

e privados. Começa o vasto império romano, em sua universalidade, a se desmembrar e a desmoronar, perdendo a sua primazia em favor das províncias, que se constituem como estados novos, e que, nessa fase de formação e consolidação, se voltam para os problemas de ordem material, deixando em segundo plano as questões espirituais. Com a extinção da condição unitária, Roma perde também a condição de centro literário. A Grécia e sua cultura reconquistam sua primazia e os escritores passam a utilizar, indiferentemente, o latim e o grego. O próprio imperador romano Marco Aurélio escreve as suas memórias em grego. A poesia se perde em complicações técnicas, com poetas imitadores e sem originalidade; a eloquência se esteriliza; a história e a filosofia são substituídas pela erudição, que se manifesta em forma de compilação de obras de antigos escritores. O único gênero que não sofreu declínio, nem solução de continuidade, progredindo, foi o da literatura jurídica, que alcançou o apogeu entre o II e III séculos d. C., com a sistematização de leis e princípios jurídicos. Aos poucos, começa a despontar a literatura cristã, substituindo a literatura romana, com escritores que tinham como principal finalidade a defesa e o fortalecimento da fé contra os pagãos, utilizando o idioma latino.

### **Literatura latina – período Romano-Cristão**

Em 13 de junho de 313 d. C., o imperador Constantino promulgou o *Édito de Milão* assegurando aos cristãos a liberdade de culto em todo o território do Império Romano, depois de muitos anos de intolerância e de perseguições oficiais. Essa medida teve consequências, que alteraram o curso da História. Nasceu então a literatura cristã. No início, os escritos cristãos surgiram sob a forma apologética, de cunho revolucionário, procurando sobrepor o cristianismo às ruínas do império romano. Mas logo os padres da igreja católica afastaram essa primeira vertente, passando a pregar a conciliação. Os principais agentes dessa nova fase da literatura latina, foram:

Aurélio Ambrósio ou Santo Ambrósio (*Aurelius Ambrosius*), nascido na Gália em 340 d. C., de família romano-cristã, foi educado em Roma, tendo estudado literatura, direito e retórica. Destacou-se como um homem de ação e de ciência, procurando elevar a cultura, conservá-la e aperfeiçoá-la. Foi prefeito consular de Ligúria e Emília. Frequentou a corte do

imperador romano Valentiniano. Era muito popular. Foi aclamado Bispo de Mediolano (atual Milão), quando não era sequer batizado, conciliando cristãos e arianos. Em uma semana, foi batizado, ordenado e consagrado bispo, mesmo nunca tendo estudado teologia, o que só veio a fazer depois, tendo como mestre Simpliciano de Milão (santo), então presbítero de Roma. A partir de então, adotou estilo de vida asceta, dando seu dinheiro e doando suas terras para os pobres. Escreveu orações, cartas, tratados de doutrina, como os seis livros do *Hexameron*, uma espécie de história da criação, e *De Officiis Ministrorum* (Os deveres dos Ministros), além de comentários bíblicos, hinos sacros e a obra *A Bondade da Morte*, utilizando o estilo latino do período clássico.

Eusébio Sofrônio Jerônimo ou São Jerônimo (*Eusebius Sophronius Hieronymus*) nasceu em Estridão, na fronteira com a Dalmácia, atual Croácia. Foi sacerdote cristão, teólogo, doutor da Igreja Católica, escritor e historiador, deixando registrados os dados biográficos dos primeiros escritores cristãos. Intérprete dos textos sagrados, tradutor da Bíblia Sagrada para o latim (conhecida como *Vulgata*), escreveu comentários sobre o Evangelho dos Hebreus. Sua obra *Crônica* ou *Temporum liber* é uma tradução para o latim das tabelas cronológicas da segunda parte da *Crônica*, de Eusébio de Cesareia, com um suplemento que abrange os anos de 325 a 379. *De Viris Illustribus* reúne breves notas biográficas e lista de obras de 135 autores cristãos, de São Pedro até ele próprio, Jerônimo, elaborada em parte nos moldes da *Vida dos Doze Césares*, de Suetônio. De suas obras literárias, sobreviveram as *Epístolas*, com grande variedade de temas e excelente estilo, em que discute problemas do ensino acadêmico, consolo aos aflitos, elogios a amigos, ataque aos vícios, à corrupção da época e à imoralidade sexual no clero e outros. Muitas de suas obras, nas diversas fases de sua vida, suscitaram polêmicas.

Aurélio Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho (*Aurelius Augustinus Hipponensis*), nascido em Tagaste, na província romana da Numídia em 354 d. C. Educado em latim, aos 11 anos foi estudar em escola de Madauro (Argélia), onde aprendeu literatura latina e as práticas e crenças pagãs. Interessou-se por filosofia depois de ler o diálogo perdido de Cícero – *Horténsio*. Com 17 anos foi estudar retórica em Cartago. Sua mãe Mônica (Santa Mônica) o criou como cristão, mas ele seguiu o *maniqueísmo* e,

durante algum tempo, teve um estilo de vida *hedonista*, como os jovens de sua época e classe social. Lecionou gramática em Tagaste e retórica na corte imperial de Mediolano (Milão). Viveu em concubinato por alguns anos, convertendo-se ao cristianismo depois de profunda crise espiritual. Ele próprio narra que foi levado à conversão, ao ouvir uma voz infantil que lhe pedia para “tomar e ler”, acreditando tratar-se de uma ordem divina para abrir a Bíblia e ler a primeira coisa que encontrasse. Abriu na *Epistola aos Romanos*, num trecho conhecido como “transformação dos crentes”, em que o apóstolo Paulo discorre sobre como o Evangelho transforma os crentes e modifica o seu comportamento. É tido como partícipe na sua conversão Simpliciano de Milão (santo), que teria recontado a Agostinho a história de Mário Vitorino, retórico convertido ao cristianismo, numa época em que os cristãos foram expulsos das salas de aula, com base em Édito do imperador romano Flávio Júlio Valente. Essa história muito o sensibilizou e contribuiu para a sua conversão. Recebeu o batismo de Ambrósio (Santo) em 387 d. C. Foi ordenado sacerdote em 391 e sagrado bispo em 395, dedicando sua vida à divulgação e defesa da religião, até a morte em 430 d. C. Tornou-se um pregador muito conceituado, tendo deixado cerca de 350 sermões. Doutor da igreja, foi um dos mais importantes teólogos e filósofos dos primeiros séculos do cristianismo. Dentre suas obras, se destacam: *A Doutrina Cristã*; *Confissões*, com relatos pessoais de sua juventude; *A Cidade de Deus*, através da qual desenvolveu o conceito de “Igreja Católica” como Cidade de Deus espiritual, distinta da cidade terrena e material, sobre a qual se fundam os reinos; *Sobre a Trindade*, conhecida como analogia psicológica da Trindade e *Sobre a Livre Escolha da Vontade*, dentre outras. A sua prosa, moldada sobre os clássicos latinos, possui uma particular originalidade poética.

Outros autores da literatura romano-cristã foram:

Tertuliano (*Quintus Septimius Florens Tertullianus*), nascido em Cartago no ano de 160 d. C., teve educação esmerada e foi um notável apologista, o primeiro autor cristão a escrever uma obra literária em latim. Polemista e moralista, dedicou-se ao estudo das leis. Sua produção literária teve grande importância para fixar o léxico e a doutrina do cristianismo ocidental. Seus textos e peças teatrais tinham como alvo os pagãos, os idólatras, os judeus e os heréticos, sendo as principais obras: *Aos pagãos*; *Apologeticum*; *O testemunho da alma*; *Contra Escápula*; *Contra os*

*Judeus; A prescrição dos hereges; Aos mártires* e outros. No final da vida, abandonou o cristianismo e criou a sua própria seita – o *tertulianismo*.

Táscio Cecílio Cipriano ou São Cipriano de Cartago (*Thascius Caecilius Cyprianus*) nasceu em Cartago, capital romana no Norte da África, no III século d. C., de família rica. Quando pagão, exerceu a advocacia, tendo sido mestre de retórica e extraordinário orador. Converteu-se ao cristianismo aos trinta e cinco anos de idade e pouco tempo depois foi ordenado sacerdote e, em seguida, sagrado bispo na sua cidade natal, sendo o responsável pela organização da Igreja na África, numa fase de intensas perseguições religiosas e numa época em que cidade natal era atingida pela peste, ceifando muitas vidas. Enfrentou a perseguição e, mesmo às escondidas, continuou prestando serviços à Igreja. Denunciado, preso e processado, foi condenado à morte e martirizado. Mestre da moral cristã, escreveu inúmeras cartas, valioso acervo documental sobre a fé e o culto cristãos.

Santo Hilário de Poitiers (*Hilarius Pictaviensis*) nasceu na Gália no ano 300 d. C. numa família de posses, pagã. Com boa educação, estudou noções de grego. Depois de ler obras sobre o Antigo e o Novo Testamento, converteu-se ao cristianismo e foi batizado. Tornou-se sacerdote e, pelo respeito que tinha da população de Pictávio, foi aclamado bispo, quando ainda era casado. A grande missão de Hilário foi combater o arianismo, que ameaçava a Igreja ocidental, condenando-os à excomunhão. Doutor da Igreja, recebeu o epíteto de “Martelo dos Arianos” e de “Atanásio do Ocidente”. Foi banido, por decreto imperial, para a Frígia, permanecendo no exílio por quase quatro anos. Suas obras: *Tratado sobre a Santíssima Trindade; Tratado sobre os Salmos; Apologia às repreensões; e Sobre os Concílios ou A Fé dos orientais*. Foi o maior dos escritores cristãos latinos, antes de Santo Ambrósio.

## **Literatura latina – período da Idade Média e Renascença**

A literatura, na Idade Média, é composta de escritos religiosos e escritos profanos, compreendendo um rico e complexo corpo de matérias sobre os mais variados temas. Como o latim era o idioma usado pela Igreja Católica Romana, que dominava a Europa Ocidental e Central, foi o idioma comum para os escritos medievais, mesmo nas áreas que nunca tinham sido romanizadas. Na Europa Oriental, o grego e o eslavo eclesiástico eram as línguas escritas dominantes. Uma grande quantidade de obras produzidas na Idade



Média era anônima. Muitos dos escritores medievais se limitavam a plagiar e recontar antigas histórias que tinham lido ou ouvido, deixando de lado a criatividade na geração de novos cenários e novas personagens. Essa a razão do anonimato ou da pequena importância que os escritores desse período literário davam à autoria dos escritos e das obras. Por esse motivo, muitas obras medievais importantes jamais tiveram a sua autoria identificada. Foi nessa época que despontou o humanismo como tema literário e que surgiu o *Teocentrismo*, que considerava Deus o salvador e centro do universo, fazendo a ligação entre o humano e o sagrado. Predominavam os temas religiosos e os históricos, mas também os temas amorosos. O acesso às produções literárias medievais era restrito à nobreza e aos integrantes do clero: bispos, arcebispos, monges e o Papa. Grande parte da população não era alfabetizada.

### **Literatura latina – na atualidade brasileira**

Entende-se por literatura latina toda a produção literária escrita em latim, desde os romanos até a Idade Média e a Renascimento, quando esse idioma foi usado por alguns povos como língua culta, e em estudos filosóficos e na ciência, até meados do século XVIII. Foi muito grande a influência da literatura latina na cultura ocidental. No Brasil, com a retirada do estudo do latim do currículo escolar, começaram a rarear nas livrarias as obras em latim. O conhecimento e o estudo da literatura latina passaram a ser feitos quase que exclusivamente através de obras e textos traduzidos, uma vez que pouquíssimas pessoas conseguiam ler e entender textos em latim. Mesmo assim, pouco a pouco, diminuiu, na produção do parque editorial brasileiro, o número de obras traduzidas de autores da literatura romana. Numa recente tese de pós-graduação em Estudos de Tradução, na Universidade Federal de Santa Catarina (2017) – *A Literatura Latina no Brasil: Uma História de Traduções* –, a escritora Thaís Fernandes apresenta um “Catálogo das Traduções de Literatura Latina Publicadas no Brasil entre 1808 e 2014”, identificando, como resultado da pesquisa realizada em bancos de dados e sites de bibliotecas e editoras, apenas 314 traduções de obras latinas para o português, no Brasil. Entre os autores com obras mais traduzidas se destacavam: Santo Agostinho, Cícero, Horácio, Ovídio, Fedro, Sêneca e Virgílio.

Resta aos que apreciam a literatura latina o prazer da contemplação da beleza dessas obras, que sobrevivem à ação do tempo, e o enriquecimento

cultural e histórico, que resulta de sua agradável leitura, mesmo através de traduções.

### Referências bibliográficas

- TAVARES, José Pereira. *A Eneida de Vergílio*. Livraria Sá da Costa Editora. Lisboa, 1938. p. 125/127.
- MARO, Públio Virgílio. *Geórgicas – Eneida*. Clássicos Jackson, vol. III. Gráfica Editora Brasileira Ltda. 1960. Prefácio de Nelson Romero. p. V/XXVII.
- FIGUEIREDO, José Nunes de. *Latini Auctores*. Coimbra Editora Ltda. 2ª Edição. Coimbra. 1960. p. 5/7, 37/38, 51/53, 89/90, 111/112, 125/127, 141/143, 153/154, 165/191.
- CÍCERO, Marco Túlio. *Saber Envelhecer*. L&PM POCKET. 1997. p. 146-150.
- NASO, Publius Ovidius. *Tristium*. Edição da Organização Simões. 2ª Edição. 1952. p. 07/18. Rio de Janeiro.
- LEONI, G. D. *A Literatura de Roma*. Livraria Nobel S. A. 6ª Edição. 1961. p. 16/134. São Paulo.
- LIMA, Alceu Dias. *Uma Estranha Língua – Questões de Linguagem e de Método*. Editora da Universidade de São Paulo - Edunesp, São Paulo, 1995.
- CRUZ, Estevão. *Programa de Latim – Antologia, Subsídios Históricos e Gramaticais*. 1936. p. 15/28. Porto Alegre. Edição da Livraria do Globo.
- ZAMA, Cesar. *Prosadores e Poetas Latinos*. 1955. p. 09/14. Salvador. Livraria Progresso Editora.
- RÓNAI, Paulo. *Não Perca o seu Latim*. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 5ª ed., 1980.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Noções Fundamentais da Língua Latina*. 1962. Edição Saraiva. p. 7/12.
- MATTOSO, Antônio G. *História da Civilização - Antiguidade. Civilização Romana*. 2ª Edição. 1944. p. 357/521.
- Encyclopedia e Dicionário Internacional – vol. XI. W. M. Jackson Inc. Editores. Rio de Janeiro – Nova York. Verbete *Latim*. p. 6.411/6.412. N/C o ano.